



## **Percepções de uma pesquisadora ao adentrar as narrativas do corpus de análise.**

Lais Francielle Costa da Rosa (lais.pitrez@yahoo.com)

Aline Machado Dorneles (lidorneles26@gmail.com)

### **Eixo temático: 2. Experiências de Formação**

#### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho resulta de uma pesquisa de mestrado, em que a pesquisadora narra os caminhos percorridos durante a análise do corpus de pesquisa. Em busca de uma compreensão da narrativa escrita pelos sujeitos participantes e constituidores da pesquisa, a pesquisadora vive a experiência desse processo de forma intensa. O conjunto de narrativas, que fazem parte do corpus de análise, foi escrito durante o estágio docência da pesquisadora, que tinha como propósito e objetivo reuni-las para uma futura análise, com uma proposta pedagógica em que a narrativa e sua utilização nas pesquisas podem auxiliar na compreensão acerca da formação, tendo em vista as experiências vividas ao longo do processo de pesquisa, este trabalho apresenta os caminhos percorridos adentrando o corpus de análise da pesquisadora.

O processo da escrita das narrativas foi experienciado na disciplina de Educação Química VIII, ofertada no curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), disciplina essa que tinha como objetivo desenvolver o estudo a respeito da pesquisa/investigação na área de Educação Química. Esse foi o campo de pesquisa da pesquisadora, campo em que a mesma viveu todos os processos da disciplina, juntamente com todos os licenciandos. Após a experiência do estágio docência, a pesquisadora com o conjunto de narrativas e corpus de análise segue o caminho de sua pesquisa de mestrado: analisar esse corpus e narrar todo esse movimento de profunda entrega ao viver essa experiência. Esse movimento nem sempre é exposto nas pesquisas, por isso esse relato vem mostrar esse lugar do pesquisador, lugar de autonomia, liberdade, cuidado, atenção, desafios, conhecimentos e aprendizagens que a pesquisa proporciona quando se vive uma pós graduação.

Desse modo, busca-se perceber e compreender a experiência desse processo em que a pesquisadora adentra seu corpus de análise. A partir dos teóricos metodológicos da investigação narrativa, a pesquisadora relata essa experiência narrando os caminhos percorridos durante a análise do corpus. Com esse relato ressalta-se a importância de perceber o pesquisador na pesquisa e também os caminhos trilhados durante o processo. Mostrar ao outro o quanto essa experiência que a pesquisa proporciona é formadora, constituidora e necessária na formação continuada.

Por fim, como estrutura esse trabalho apresenta o contexto em que essa pesquisadora se situa, com um detalhamento das atividades até a chegada no corpus de análise, seguido a análise e discussão desse relato para que se chegue a uma consideração final dessa experiência da pesquisadora. No caminhar desse trabalho será apresentada narrativas da pesquisadora que durante essa experiência foram



relevantes para seu processo de formação e constituição da pesquisa.

## 2. CONTEXTO E DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

Antes de narrar, com detalhes, os movimentos da pesquisadora ao adentrar o corpus de análise, vos apresento o contexto dessa pesquisa. O corpus de análise mencionado na introdução, formado por um conjunto de narrativas, faz parte de uma pesquisa de mestrado que busca perceber “o que é isso que se mostra da experiência no processo investigativo da pesquisa em educação em ciências”. Sendo assim, um dos caminhos que se percorre no processo da pesquisa é o chamado de campo de pesquisa; esse processo é o mais complexo, o mais difícil e o que nos mostra mais desafios. Assim a escolha desse campo é a forma de buscar respostas ou muitas dúvidas, para o objetivo da pesquisa.

O estágio docência é um dos pré-requisitos que o pesquisador tem que cumprir dentro da pós graduação, mestrado ou doutorado. A escolha do campo de pesquisa se deu ao perceber que o objetivo de umas das disciplinas ofertadas na graduação em Química, Educação Química VIII, dialogava com o objetivo de sua pesquisa. Essa disciplina, ofertada na licenciatura em Química pela FURG, tinha como propósito desenvolver o estudo a respeito da pesquisa/investigação na área de Educação Química, e ia ao encontro com o objetivo da pesquisa de mestrado da pesquisadora: compreender o papel da experiência na pesquisa em educação em ciências. Assim o campo de pesquisa foi a disciplina do estágio docência da pesquisadora. Essa disciplina era formada por 6 alunos, onde apenas 5 se mantiveram até o final e viveram a experiência que a disciplina proporcionou.

Agora com o contexto dessa caminhada chegando no corpus de análise, a pesquisadora se desafia a narrar seu caminho a partir daqui. O corpus de análise desse relato e pesquisa é o conjunto de narrativas que a disciplina oportunizou os sujeitos a experienciar durante o andar da disciplina, incluindo a pesquisadora. Como diz Moraes e Galiazzi (2016, p.115); “a produção escrita constitui-se, ao mesmo tempo, em aprendizagem e comunicação”, por isso a proposta de narrativas. A escolha pela narrativa foi o caminho que a disciplina percorreu, por acreditar na potência do narrar onde “destina-se ao entendimento e a composição de sentidos da experiência” (Clandinin e Connelly, 2015, p.119). Assim propõem-se a investigação narrativa como um estudo da experiência vivida pelo sujeito com a intenção de compreender como é vivida determinada experiência (Clandinin e Connelly, 2015).

A pesquisa narrativa vem adentrando na área da Educação Química na maioria das pesquisas, centrada na escrita associada a formação de professores. Sendo assim, narrar suas experiências tem sido uma forma de construir conhecimento, como sinaliza Guedes e Ribeiro (2019, p.41) sobre o campo das pesquisas com os cotidianos e da pesquisa narrativa:

“No Brasil, o campo das pesquisas com os cotidianos e da pesquisa narrativa (Clandinin;Connelly,2015; Ribeiro;Sampaio;Souza,2016) vêm se constituindo sobre esses preceitos da escuta e do diálogo, bem como outros campos que têm se desafiado a enxergar a narrativa e a experiência como nutrientes para o pensar, o indagar. O processo de dar sentido/significado através do narrar-se pode ser visto como emancipatório, pois consiste em uma forma de dar expressão à experiência pessoal”.



A experiência da pesquisa também tem a ver com o caminhar, com a travessia, com as escolhas, com os desafios que a pesquisadora percorre durante o processo e vivências da pesquisa. Portanto, ao adentrar o corpus de análise esse movimento se nutre das experiências da pesquisadora, que narra seu primeiro encontro com o corpus;

“Chegada a hora de me encontrar com as narrativas que forma escritas durante a disciplina. A pergunta que vem em minha cabeça é: E agora o que vou fazer com tudo isso? Começo a ler as narrativas e em minha memória vem todas as imagens, lembranças, que passamos durante a disciplina. Foram dias incríveis, de conversas e diálogos mais que incríveis. Penso aqui que tenho que viver esse momento de recordar e após isso ler cada narrativa e perceber o que se mostra ali dos licenciandos. Será que eles experienciaram essa disciplina de forma leve, gostando de cada passo? São tantas perguntas que passam na cabeça agora, que vou parar de tentar ir além e continuar revivendo aquelas aulas.” (narrativa da pesquisadora)

Após o primeiro encontro com o corpus de análise a pesquisadora acredita e aponta em sua narrativa que nas experiências humanas há um campo investigativo que parte das histórias de cada sujeito, como Cunha (1997) traz em seu artigo ao afirmar que quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida, dando-lhe novos significados.

Seguindo adiante a pesquisadora retoma o corpus e após uma leitura mais profunda e atenta percebe que ao mesmo tempo que existem diferenças existem semelhanças, e narra a seguir;

“Retomando as narrativas novos olhares e novas “coisas” se mostram nesse momento, como por exemplo: os licenciandos viveram a mesma experiência e narram coisas diferentes, pelo simples fato de que cada um tem sua vivência, sua história de vida e seus significados. Mas percebo que ao mesmo tempo que existem diferenças, existem semelhanças, e uma delas, a que se destaca pra mim nessa leitura, nesse momento, é a pergunta como modo de questionar. Todas as escritas tem algum tipo de pergunta que questiona e leva o sujeito a narrar. Isso é o que se destaca nessa retomada e leitura das narrativas. A potência da pergunta. Penso que agora existe algo em comum entre as narrativas e que é preciso sinalizar e mostrar aos leitores. Novamente vem a pergunta em minha cabeça: como?.” (narrativa da pesquisadora)

Essas semelhanças narradas acima são notáveis durante as escritas de cada sujeito, como Cunha (1997) aponta sobre o movimento; a escrita de narrativas das experiências vividas serve como procedimento de pesquisa e como instrumento de formação. Esse movimento permite que a pesquisadora perceba isso nas narrativas de cada sujeito, e também viva esse processo como um todo para além da formação profissional. A partir desse movimento a pesquisadora percebe que esses caminhos se entrelaçam em algum enredo. Cada um com seu lado pessoal, com suas histórias, vivências e experiências, mas que juntos narrando em tempos e histórias diferentes se cruzam em algum caminho, como podemos notar nessa narrativa:

“Esse caminho que vivo durante o processo da pesquisa me faz viajar para além do que é visto aqui. Juntamente com essas histórias vivo e lembro de muitas histórias semelhantes que vivi, ou presenciei, mas que acabam se cruzando em algum momento com essas histórias narradas aqui. O que fazer quando isso acontece? Essa é minha pergunta, que ao mesmo tempo que faço, respondo: se permitir recordar e perceber coisas para além do que antes foi percebido. E isso devo fazer aqui com esse conjunto de narrativas. Agora após viver esse momento de perceber as semelhanças, de deixar que as narrativas se mostrem consigo seguir o caminho, ou penso que consigo seguir



a partir de agora. O caminho que sigo daqui por diante é as semelhanças entre as narrativas, claro que cada uma com suas emoções, com seus encantamentos, com seus enredos, mas que deixam-me perceber muito a cada leitura. Sigo então escrevendo aqui as semelhanças entre cada uma das narrativas e não fico tentando buscar os caminhos seguintes, vivo cada caminho e processo no momento que eles mesmos vão nos fazendo seguir a trilha.” (narrativa da pesquisadora)

Esse movimento em um processo de pesquisa é necessário para que o pesquisador viva de forma intensa e com grande autonomia, pois assim consegue e se permite perceber coisas para além do que estão explícitas, é como diz Calixto e Galiuzzi (2017);

“A escrita, nesse contexto, potencializa as compreensões construídas ao longo do percurso de ser professor/ pesquisador, explicitando ao escrevente o que precisa ser desenvolvido e o que é compreendido. A compreensão da escrita enquanto meio de formação foi se consolidando à medida que se percebiam transformados pela mesma.” (Calixto; Galiuzzi, 2017a, p. 177-178)

Com a escrita o pesquisador consegue seguir o caminho a ser mostrado aos leitores, de forma subjetiva e de grande autonomia. Assim o pesquisador percebe o compromisso que precisa ter para com a sociedade, mostrando todo esse processo de formação para além do profissional, com princípios de igualdade, inclusão, solidariedade e amorosidade. Por isso Moraes e Galiuzzi (2016, p.121) sinalizam, sobre o movimento do pesquisador em apresentar o que se mostra na narrativa, que *“os textos produzidos devem expressar mais do que a compreensão pessoal do pesquisador, ou seja, precisam descrever explicações e compreensões dos participantes, ainda que reconstruídas pelo pesquisador”*.

Sobre esse caminho, que a pesquisa proporciona viver durante a experiência da pesquisa, Guedes e Ribeiro (2019, p.20) apontam o quanto é fundamental viver esse processo como pesquisador e mostrar o que foi vivido e experienciado, assim escreveram sobre o primeiro passo de uma jornada: *“Resta, pois, a experiência do caminhar, de enveredar-se por trilhas, experimentá-las, experienciá-las; perder-se, quiçá, para já, se encontrando, tomar caminhos, fazer outros caminhos no ato mesmo de caminhar...”* Como foi mostrado nas narrativas da pesquisadora sobre os caminhos da pesquisa, aqueles caminhos que não são previstos antes e sim trilhados durante o vivenciar da pesquisa, assim entende-se o quanto esse processo na pesquisa é necessário e de suma importância para o pesquisador.



### 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

Esse movimento que o pesquisador vive durante a pesquisa nem sempre é percebido pelo leitor, pelo fato de o mesmo não estar exposto ali na escrita da pesquisa. Um dos principais movimentos da pesquisa para o pesquisador é quando se adentra ao corpus de análise, por ser o movimento que precisa de maior autonomia e compromisso social para com todos. Por acreditar que todos os movimentos da pesquisa são de suma importância o ato de fazer pesquisar torna-se o grande caminho a ser percorrido, a ser experienciado, vivido, pelo pesquisador. O processo de análise de corpus, onde refletir e construir um caminho é o movimento a ser seguido, é preciso ser mostrado na pesquisa. O intuito desse relato é desencadear um movimento de escrita pelos pesquisadores durante esse processo em suas pesquisas pois, é um caminho não mostrado e que tem total dedicação e atenção do pesquisador.

Assim vivendo esse processo como pesquisadores narrativos partilhamos esse caminho, como que o mesmo foi trilhado e vivido pelo pesquisador, pois como diz Clandinin e Connelly (2015) sobre as histórias dos participantes da pesquisa; “*Não são apenas as histórias dos participantes que são recontadas por um pesquisador narrativo, são as histórias dos sujeitos que são abertas para o pesquisar e o recontar a partir deles próprios.*” A ideia de construção desse caminho na pesquisa pelo pesquisador nunca tem um ponto final e nunca é percebida antes, isso só acontece durante cada experiência, durante cada passo dado nesse pesquisar. Assim se faz a composição de sentidos do corpus de análise, a partir do pesquisador.

“Uma pesquisa que possa ela mesma forçar caminhos, apontar estradas, pontes, bifurcações, encruzilhadas...e que convide ao se aventurar por eles, experimentá-los, senti-los, aprender.” (Guedes e Ribeiro, 2019, p.21)

Para Larrosa (2011) a experiência é aquilo que passa, que atravessa, que modifica, assim o pesquisador durante esse processo da pesquisa trilha o caminho desse modo quando se entrega e vive intensamente esse momento. O pesquisador percebe que a pesquisa tem tudo a ver com o acontecer, com o caminho, com a trilha, com a transformação, que acontece durante esse processo. Clandinin e Connelly (2015, p.116) apontam que “*o pesquisador dificilmente sabe o que fazer com tais registros sem conhecer as narrativas que se inter-relacionam no campo de pesquisa.*” Assim essa narrativa da pesquisadora sinaliza a importância do estar presente no campo de pesquisa;

“Viver a experiência junto dos sujeitos talvez me fez enxergar coisas que se não estivesse presente não observaria, não sentiria. Uma das coisas que o pesquisador narrativo faz é viver a experiência no campo junto de todos, isso diz Clandinin e Connelly, e eu fiz exatamente desse modo, vivi e experienciei tudo no campo de pesquisa. Acho que por isso quando chega no conjunto de narrativas recordações, lembranças, vem em minha memória. Viver esse processo na pesquisa me fez pensar além, pensar o quanto é importante o pesquisador viver, estar ali. Assim mostrar isso em sua pesquisa, mostrar que sua pesquisa tem emoção, sentimento, vivência, relação, história, afeto, e muito mais. Agora sigo na composição de sentidos dessas narrativas que se cruzam e trilham por muito tempo o mesmo caminho.” (narrativa da pesquisadora)

A frase “vivenciando a experiência” (Clandinin e Connelly, 2015, p.119) de fato



resume a pesquisa narrativa e esse movimento de análise de corpus em que o pesquisador vive e se faz presente. O envolvimento do pesquisador com a pesquisa é de grande importância para a formação interpretativa das experiências. Pesquisar é uma tarefa social e por isso devemos revelar, mostrar, os caminhos da pesquisa em si, e para isso é preciso como diz Guedes e Ribeiro (2019) revelar-se na pesquisa.

“Estamos falando, portanto, de uma pesquisa que possa ser escrita e vivenciada em primeira pessoa, que possa dizer algo do eu que investiga, ser revestida e investida da palavra própria, do percurso singular. Sim, uma ação investigativa que não é e no qual nós somos, como face, sangue, corpo e ossos: experimentação, sensibilidade, presença, atenção, escuta, acompanhamento e uma sorte de gestos que conformam uma pesquisa em primeira pessoa, isto é, uma pesquisa que tenha, ela mesma, a autoria como marca e modo de caminhada, de habitar o fazer investigação. (Guedes e Ribeiro, 2019, p.28)

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir desse relato é possível perceber o quanto o pesquisador é presente nesse processo da pesquisa, processo de análise de corpus. Numa perspectiva metodológica da pesquisa narrativa o movimento de análise de corpus permite que o pesquisador tenha autonomia em suas escolhas e caminhos percorridos, e a percorrer. Podemos notar isso nas narrativas da pesquisadora desse relato que ao adentrar o corpus de análise, em sua casa com bastante atenção e envolvimento por fazer parte de toda caminhada da pesquisa, tem percepções e compreensões quanto a importância desse caminho na pesquisa.

Acredita-se que ao viver esse momento na pesquisa o pesquisador compreende a importância de sua presença e participação no campo de pesquisa, assim como o reconhecimento da construção de significado e aprendizagem que o movimento da narrativa proporciona aos sujeitos e ao pesquisador. Narrar os movimentos permite ao pesquisador essa construção de significados, por isso a presença do pesquisador em todo o caminho da pesquisa se torna fundamental na pesquisa em si, junto com seus participantes. O caminho de análise de corpus se torna um processo de formação, onde o modo de se portar, de se mostrar, de se colocar na pesquisa torna uma marca do pesquisador.

Chegamos ao fim de um relato que mostra a pesquisadora no movimento de análise de corpus e reafirmamos aqui que essa caminhada se desenha e se experimenta de uma forma em primeira pessoa e quando a mesma se envolve através de suas vivências junto dos participantes e registros, mesmo sendo um narrar de cada passo durante a pesquisa. Assim percebemos nessa narrativa;

“A cada dia que caminho no movimento de pesquisar me desafio a narrar, a contar, como foi minha experiência, pois penso a importância do narrar para um futuro, futuro esse que não tão longe está. Na hora de adentrar as narrativas construídas no campo de pesquisa reler as minhas experiências me ajudaram muito e também quem sabe me fazem voltar os olhos a outros que não vistos apenas na memória”. (Narrativa da pesquisadora)

Como pesquisadores narrativos nossas pesquisas não se justificam pelos resultados, não buscam resposta, nem um final, buscamos uma pesquisa que permite autonomia do pesquisador, e aponta riqueza, sentimentos, emoções do início ao fim



de todo o processo de pesquisa. Cabe finalizar esse relato com uma narrativa da pesquisadora que relata o quanto esse processo de análise de corpus tem um papel formador.

“Viver esse processo de análise de corpus é o maior desafio que estou passando nesse mundo da pesquisa. Mas penso que poderia ser pior se eu não tivesse vivido a experiência no campo junto dos sujeitos. Se todos os pesquisadores passassem por esse processo juntos, e vivessem sua pesquisa de forma real, e com presença, acredito que o desafio de análise se tornaria mais simples, claro que ainda desafiador. Agora apesar de me sentir desafiada sigo nesse mundo das narrativas, me permitindo viver cada trilha e cada movimento.” (Narrativa da pesquisadora)

## 5. REFERÊNCIAS

CALIXTO, V. S., GALIAZZI, M. C. A constituição do professor/pesquisador no componente curricular de Monografia por meio da escrita em diários de pesquisa. *Química Nova na Escola*, 39(2), 170-178, 2017.

CLANDININ, J.; CONNELLY, M. Pesquisa Narrativa: experiência e história de pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2ª edição rev. Uberlândia: Editora UFU, 2015.

CUNHA, M. I. da. Conta-me Agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Revista da Faculdade de Educação*. Vol.23, n.1-2. São Paulo. 1997.

MORAES, R.; GALIAZZI, M.C. Análise textual discursiva. 3.ed.revista e ampliada. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

GUEDES, A.O; RIBEIRO, T. Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019. 304p.